

Cláudio Rodrigues **CORAÇÃO**  
Universidade de São Paulo

## O desnudamento discursivo da mídia e da Comunicação

La denudación del discurso de  
los medios y de la Comunicación

The denudation of Media and  
Mass Communication's Discourse

Resenha de:

SOARES, Rosana de Lima.

**Margens da Comunicação:** discurso e mídias.  
São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009, 228 p.  
ISBN: 9788574199795

Recebida em: 26 out. 2010

Aceita em: 07 dez. 2010

Jornalista, doutorando em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e professor da FIB e da UNIP. Tem experiência nas áreas de Teorias da Comunicação, Jornalismo Literário e Comunicação Audiovisual.  
Contato: claudiocoracao@ig.com.br

“Quem não se comunica, se trumbica” – diria um antigo comunicador de massas. Apropriar-se dessa máxima, em cenário de globalização do capital, da informação e dos signos, pode sugerir outros aspectos no entendimento da Comunicação como marca indelével nas relações da sociedade contemporânea. Walter Benjamim já preconizava, no início do século passado, que a técnica envolta em novos condicionantes da chamada sociedade de massa definia fundamentos da comunicação humana, então moderna. Hoje, com as fronteiras incômodas e as ideias de contato, a comunicação massiva torna-se um elemento essencial para definirmos a realidade, o discurso e o sentido das vidas que se constroem e se veiculam pelas chamadas mídias.

É na perspectiva de vislumbrar a Comunicação numa espécie de “crise de paradigmas” que Rosana de Lima Soares empreende um estudo de fôlego sobre questões pertinentes do funcionamento comunicacional, discutindo as agruras do campo acadêmico, as manifestações discursivas e as materializações de um momento confusional (segundo Lucien Sfez) ou em rede (na perspectiva teórica de Castells).

Para percorrer, portanto, as nuances da Comunicação e suas reentrâncias discursivas e midiáticas, Soares esclarece, logo de partida, que o caminho a ser trilhado necessitará de um amplo leque de áreas de pensamento, como as Ciências da Linguagem, que desempenhará papel desmistificador, esclarecendo, de certa maneira, fenômenos estanques, como pensar a Comunicação envolta em um processo linear, fincado no esquema-fluxo emissor-mensagem-receptor. Assim, a autora estabelece um tom metodológico heterodoxo a evidenciar um caminho que leva em consideração três aspectos redefinidores da análise demarcatória a respeito da Comunicação, dos discursos e da mídia, a saber: a sujeição da margem, a evidenciação do avesso e a discussão da brecha. (1) *Margem* como borda, limite, alcance; como espaço e temporalização do algo além; como fundamento da metadiscussão, como entendimento interno de fenômenos sociais. Aproxima-se de *Margens da Filosofia*, de Derrida, sintetizando a preocupação conceitual, como se à análise coubessem os aspectos íntimos e “agudos” de investigação, a reverberar a borda, o lado, a margem. (2) *Avesso* como sintoma do adentrado; como perspectiva interna deslocada; como síntese aproximada de uma “terceira margem”, com a sedimentação do “avesso do avesso”. (3) *Brecha* como fio da falta; como permanência do debate do preenchimento, na ausência e na presença.

A partir da categorização inicial, Rosana de Lima Soares propõe uma revisão epistemológica das problemáticas da Comunicação, em tempo de cinismo interpretativo, e faz da premissa da investigação das “ordens” do discurso e suas manifestações

corriqueiras a caracterização de elementos fundamentais para entendermos as relações comunicacionais e midiáticas que se estabelecem, entre elas: a confrontação da realidade e sua diferença com o real, a estruturação do “laço social”, a intersubjetividade identitária e a subjetividade autônoma das mídias, a elaboração da alteridade em um quadro de embaraço comunicacional.

Portanto, o capítulo 1, intitulado “Margens do discurso”, dará conta dos percursos, como epicentro da “movimentação-ação” associada ao próprio discurso. O conto de João Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”, é a metáfora perfeita para esse fim, pois coloca as inquietações – do desalojamento – das personagens no jogo de insinuações entre o curso do rio, o percurso das inconveniências e o discurso que se constrói. É evidente que Soares discute, aqui, as possibilidades de relato, de apreensão e relativização da captação do real. E nos desloca a discussões em torno das manifestações realísticas do mundo, do percurso e da narrativa, utilizando pontos de vista que vão de Lyotard e Derrida até Greimas e Foucault. Na ideia preconizada do discurso como elemento presente no curso do rio, da vida e da palavra, o sujeito preso à terceira margem necessita da possibilidade de pulsão, entrelaçamento e ligação. O termo “laço social” faz todo o sentido, portanto, quando Rosana somatiza a ordem do discurso (Foucault) no campo da margem, a trabalhar a legitimação das nossas realidades pela sombra de algo superior, fundante, incômodo e indelével.

Nesse sentido, afirma que o “inconsciente é o estatuto da enunciação”. A partir de componente de materialização do laço social: “a teoria da representação considera mundo e linguagem como duas ordens separadas e independentes”, sugere uma espécie de rompimento epistemológico, na apreensão do campo da Comunicação, pela ideia de laço social (identificação, estreitamento, vínculo, namoro), fundindo os condicionantes internos da comunicação pós-industrial (ou pós-moderna) no bojo básico do significado, da ordenação representativa em torno da manifestação da linguagem. Com isso, percorre os paradigmas das teorias da comunicação (as esferas funcionalistas, os estudos dos impactos de massa, a visão crítica de Frankfurt, as propostas de recepção culturalistas) para evidenciar uma aproximação lógica, óbvia, porém, controversa: o avesso à comunicação é o “calcanhar de Aquiles” contemporâneo; o avesso da comunicação é o estatuto da linguagem como localização da própria dificuldade de comunicação.

Soares estende, pois, a aferição do esquema emissor-mensagem-receptor do campo da Comunicação. Analisa, no avesso, e em perspectiva, a dinâmica da

enunciação (Benveniste) e da filosofia da linguagem (Kristeva), encadeando com os pontos que havia discutido no 1º capítulo, e encerra o 2º capítulo, intitulado “O Averso da Comunicação”, com o gancho inevitável à brecha, na discussão do sujeito emaranhado pela Comunicação não-linear, antecipando, por consequência, a brecha.

E é pela perspectiva da práxis do sujeito da linguagem psicanalítica que a professora “preenche” o “vazio” do reconhecimento, da pulsão, da percepção que se mostra. Volta a afirmar que o curso do rio (acionando um poema de João Cabral de Melo Neto), e o seu decurso, é fio da inevitabilidade do discurso, ratificando os aspectos dos percursos infundáveis; apresentando, portanto, as forças colocadas na junção entre significantes e significados (além da estratificação lógica de algumas teorias da comunicação), como a clarificação do Real, do Imaginário e do Simbólico, entendendo, a partir da baliza do pensamento de Lacan, os discursos midiáticos formulados e ensejados por uma ideia de mediação simbólica, propensa à força do emblema imagético e discursivo da mídia.

Assim, com o capítulo 3, “Brecha da psicanálise”, a autora pausa o curso do percurso para fechar a tríade desnudada da Comunicação e do Discurso, e pontua as idiosincrasias do “logos contemporâneo” da mídia, voltando a Lyotard e à apreensão de moralidades éticas ditas pós-modernas, que carregam conotações fetichizadas da tecnologia e do funcionamento midiático: “a ânsia em se comunicar”. Soares termina por dizer que a legitimação proposta ao discurso midiático é a propensão quase suicida da busca inesgotável do real sem fissura, em contraste, evidentemente, com a realidade que se mostra, pelas margens do discurso, constituída. Retoma, ao final, a margem para definir o “laço social” pelo avesso da linguagem como fio do curso da análise.

Reconhecimento intrínseco do próprio caminho que Rosana de Lima Soares faz, ou seja, margeando o discurso da Comunicação, percorrendo os avessos em torno das manifestações da linguagem, escalonando os vazios do inconsciente e das enunciações postas. Reconhece-se, por fim, uma análise intensa do comportamento discursivo das mídias, como também as margens, os avessos e as brechas da comunicação.